Artigo

A propósito do fascismo

Fernando Conceição fernconc@ufba.br

Jornalista. Doutor pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Professor da Faculdade de Comunicação da UFBA.

Sinopse

Umberto (Diego Abatantuono) é um alfaiate que repentinamente começa perder sua clientela para uma loja vizinha, de propriedade de Leone (Sergio Castellitto), que oferece roupas a preços mais baixos. Apesar da rivalidade, os filhos de ambos demonstram grande amizade entre si. Até que um dia vêm a público as diferenças que os concorrentes cultivavam em sigilo: durante uma discussão, Umberto se refere de forma depreciativa ao fato de Leone ser judeu, condição que ele ocultava. A polícia fascista presencia o bate-boca e o comerciante passa a ser perseguido, perdendo sua loja, seus direitos e sua dignidade. Ao testemunhar a desgraça do rival, Umberto se arrepende e trata de fazer o possível para ajudá-lo.

Comentário Crítico

Informações descritivas e exaustivas sobre o diretor italiano Ettore Scola e seu filme traduzido para o português como “Concorrência Desleal” (“Concorrenza Sleale”, na língua de Dante), o vestibulando da UFBA pode obter em diversos outros sites na Internet. Este comentário buscará ser mais analítico, evitando a repetição daquelas descrições.

“Concorrência Desleal” foi lançado em 2001, mas sua trama situa-se em 1938 numa única rua de Roma, a capital da Itália à época embevecida com a liderança de Benito Mussolini (1883-1945), o carismático líder político que chegara ao poder em 1922 com o apoio das “massas”.

Sim, Mussolini fora socialista de carteirinha e marxista na juventude. Foi jornalista militante em defesa dos “pobres”, enfim, um nacional-populista que ascendera ao comando de uma Itália despedaçada pelas derrotas de guerras, pela fome, pela miséria e pelo desemprego que sangraram a Europa por aquelas décadas. A Itália havia composto, ainda que pro-forma, a Tríplice Aliança, junto com Alemanha e Áustria-Hungria na guerra de 1914-18, portanto foi também derrotada na Primeira Guerra Mundial. No entre-guerras era um país destruído, com a moeda nacional desvalorizada, com desorganização trabalhista e greves intermináveis, enfim, um Estado falido.

Mussolini propôs crescimento, desenvolvimento, emprego, comida, ordem e progresso! Adotara a cartilha programática de um “grupo de união nacional” denominado Fascio e em 1919 organizou uma brigada de militantes – os *Fasci Italiani di Combattimento*. Marchou à frente de seus “camisas negras”, que como insígnia do movimento adotara o “*fascio*”, o feixe de varas que os lictores da antiga Roma portavam para espancar ou afastar a multidão do caminho dos nobres.

Seu discurso, como o foi o de Adolf Hitler na Alemanha (também um nacional-socialista, daí um “na-zi”), era o discurso salvacionista dessas personalidades que se consideram a si mesmas portadoras de alguma missão divina. Portanto, acima da lei e da crítica, acima das instituições tradicionais, vistas sempre como suspeitas.

Em seu filme, com uma narrativa delicada e nada panfletária, Ettore Scola quer contar, a exemplo do que fez Bergman com “*O Ovo da Serpente*” (1977), como o ideário do Duce (comandante) Mussolini submeteu a sociedade italiana a um regime de intolerância racial-religiosa, dividindo irmãos, amantes e vizinhos. O fascismo, o sistema político adotado na Itália quando o “comandante” foi convidado pelo rei Vítor Manuel III a formar um governo e tornar-se Primeiro Ministro, empolgou a maioria dos italianos e cindiu o país, com suas táticas de terror.

O argumento fílmico não introduz diretamente o espectador ao cerne do discurso político. O diretor apresenta duas famílias de comerciantes, alfaiates, cujas lojas e ao mesmo tempo moradia são grudadas uma à outra, duas famílias italianas convivendo lado a lado, com filhos se relacionando em brincadeiras de infância e também se namorando, apaixonados.

Os comerciantes disputam a clientela, é verdade, um (Umberto) oferecendo tecidos de qualidade, por isso distintos e de preço correspondente; o outro (Leone), roupas já prontas e de valor mais atraente ao consumidor. Uma saudável relação comercial, natural em qualquer mercado, que, entretanto, é engolfada pela competição desleal ao se introduzir um elemento político na disputa: o racismo.

O Estado, representado pelo delegado de polícia local, é chamado a intervir quando os líderes das duas famílias de comerciantes – ambos italianos, enfatize-se, mas um judeu e o outro “sangue puro” -, numa dessas

divergências sobre estratégia comercial, entram em luta corporal nada grave. Neste momento o Estado se apresenta como “defensor” dos “reais valores italianos”, oferecendo-se como protetor de um dos lados da contenda, execrando o outro lado apenas (ou justamente) por aquele detalhe racial.

Aos poucos, a relação das famílias vai se deteriorando. O Estado invade as suas vidas através de interditos, de proibições abstrusas – como o impedimento dos judeus manterem empregados cristãos ou mesmo possuírem aparelhos de rádio em casa (o Estado os confisca) -, e o redemoinho cresce, e a vida dos indivíduos foge totalmente ao seu controle próprio. Casais de apaixonados são assim desfeitos; amigos de infância abruptamente impedidos de continuarem freqüentando a mesma escola e os mesmos espaços antes comuns.

O Estado aqui referido é a Polícia, os “camisas negras”, a representação simbólica da força antiliberal, imperialista e antidemocrática personificada por Benito Mussolini, mas com sustentação na maioria do povo que o manteve no poder de 1922 até o fim da Segunda Guerra Mundial. Ninguém se mantém à frente de um governo por tanto tempo se não tiver o apoio das massas, articulando-se ao mesmo tempo com instituições firmes como as Forças Armadas e a Igreja (foi Mussolini que fez o acordo que resultou na institucionalização do Estado do Vaticano, pacificando-se com o Papa).

Tinha o Duce, portanto, base de apoio, simpatizantes e adeptos. Hitler era um dos seus admiradores, e com ele fez o pacto que levou à aliança entre Alemanha, Itália e Japão, contra o resto da Europa e os Estados Unidos durante a Segunda Grande Guerra. A influência de sua doutrina se espalhou e aqui no Brasil, já em 1923, um imigrante italiano, Emílio Rochette, criou uma célula do Partido Fascista, precursor do Movimento Integralista que veio a apoiar Getúlio Vargas e seu chamado “Estado Novo” (1937-1945).

Diga-se, aliás, que Vargas, o “pai dos pobres”, foi dos mais importantes políticos brasileiros admirador das idéias de Mussolini, copiando no Brasil uma série de medidas do sistema fascista, a exemplo da legislação que rege as relações entre o capital e o trabalho no país, a chamada CLT, e seu controle estatal sobre a organização sindical. Idéias fascistas permanecem vigentes quando, por exemplo, os governantes ameaçam a liberdade de expressão e

censuram o direito à opinião, ainda que se utilizando da retórica de estar fazendo tudo em benefício “do interesse social dos pobres”.

São filhos do mesmo “ovo” de serpente o populismo chã, o franquismo (de Franco, na Espanha – 1939 a 1975), o nazismo, o salazarismo (de Salazar, em Portugal – 1929-1974). Para vigorar e ser implementado como sistema de governo, esse ideário anti-humano conta com a ignorância de muitos e a conivência dos oportunistas. Ettore Scola deixa evidenciado no seu filme que na maioria dos casos a arbitrariedade do Estado repressor se nutre na falta de caráter de indivíduos ditos “comuns”.

Ficha Técnica

Título: Concorrência Desleal (Concorrenza Sleale, Itália, 2001). *Tempo de Duração:* 110 minutos. *Direção:* Ettore Scola. *Roteiro:* Fulvio Scarpelli, Furio Scarpelli, Giacomo Scarpelli, Ettore Scola e Silvia Scola. *Produção:* Franco Committeri *Música:* Armando Trovajoli. *Fotografia:* Franco Di Giacomo. *Desenho de Produção:* Cinzia Lo Fazio e Luciano Ricceri. *Figurino:* Odette Nicoletti. *Edição:* Raimondo Crociani Elenco Diego Abatantuono (Umberto) Sergio Castellitto (Leone) Gérard Depardieu (Angelo) Jean-Claude Brialy (Nonno Mattia) Claude Rich (Conde Treuberg) Claudio Bigagli Anita Zagaria Antonella Attili Augusto Fornari Elio Germano Gioia Spaziani Sabrina Impacciatore Rolando Ravello.

Sugestões de Leitura

BOBBIO, Noberto et alli. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª. Edição, 1986.

CHATELET, François. *A história das idéias políticas*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 1994.

FOUCUALT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra e Graal, 2005.

WEFFORT, Francisco. *Formação do pensamento político brasileiro – idéias e personagens*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

WEFFORT, Francisco. *Os clássicos da política*. São Paulo: Editora Ática, Vol. I e II, 2004.